



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ECOS DO CENTENÁRIO SARMENTINO.

KENDRIC, T. D.

Ano: 1934 | Número: 44

---

### Como citar este documento:

KENDRIC, T. D., Ecos do Centenário Sarmentino. *Revista de Guimarães*, 44 (3-4) Jul.-Dez. 1934, p. 251-261.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Ecos do Centenário Sarmentino <sup>(1)</sup>

---

Insuficientes e banais têm sido as análises dadas nos periódicos e revistas portuguesas, à cerca dos dois volumes comemorativos publicados pela nossa Sociedade, por motivo da passagem do Centenário de Martins Sarmento, ressalvadas algumas honrosas excepções, v. g. — *Brotéria, Portucale, Trabalhos da Soc. Port. de Antropol. e Etnol.*, etc.

Nem o valor intrínseco destas obras de tómo, inegavelmente preciosas e úteis, a todos os títulos, nem o enorme esforço dispendido por esta Colectividade para as dar a lume, foram devidamente compreendidos e apreciados pela crítica portuguesa. Apesar disso, as palavras de justiça que a nossa Instituição recebeu officiosamente de pessoas autorizadas, aplausos que demos a conhecer em extractos publicados no fascículo I, do corrente ano, desta Revista, são absolutamente expressivas e compensam-nos, em parte, da indiferença com que os livros foram acolhidos nos nossos meios de cultura científica.

Êsses louvores que, sem discrepância, nos dispensaram os estudiosos competentes contestam de certo modo a verdade destas palavras amargas que, num momento de desânimo, Martins Sarmento dirigia em carta ao P.<sup>e</sup> Martins Capela, na ocasião em que êste notável epigrafiasta ia dar à publicidade o seu importantíssimo volume sôbre os «Milliarios» do Convento bracarense: «...o que pode receiar é a indiferença do publico, que acha massada tudo o que não são gazetas e litteratura amena... e fresca. Mas sempre olhe para alem das fronteiras, que d'ahi é que lhe

---

(1) Vide pág. 51 do presente volume desta Revista.

hão de vir as consolações." (Carta de 16-10-1895, no Arq. da Soc. M. S.).

Mas se, relativamente às recentes edições da Sociedade, a crítica nacional foi deficiente, ou até malévolamente nos seus juízos, outro tanto não tem sucedido em círculos culturais estrangeiros, onde os acontecimentos literários ou científicos dêste vulto prendem a atenção dos estudiosos e são justamente apreciados. Para comprovar esta afirmação, apraz-nos deixar hoje registadas nas páginas da *Revista de Guimarães* as análises críticas dos DISPERSOS e da HOMENAGEM, que o Sr. Prof. Schulten, da Universidade de Erlangen, se dignou publicar na importante Revista alemã *Philologische Wochenschrift* (n.º 41/42, de 20 de Outubro de 1934, cols. 1161 a 64), e bem assim a análise do segundo daqueles volumes, dada na esplêndida Revista inglesa *Antiquity* (n.º 33-vol. VIII, de Dezembro de 1934, págs. 485-86), pelo Sr. Prof. T. D. Kendrick.

Transcrevemos para êste lugar as apreciações emitidas por tão ilustres investigadores, pela autoridade que as reveste, sem desprimor para outras. A do Sr. Prof. Schulten apresenta porém um particular interesse, não só por se tratar do célebre exumador de Numância e um dos primeiros iberólogos do nosso tempo, que ao esclarecimento e comentário dos textos referentes à mais antiga história da Península tem dedicado uma grande arte da sua vida, mas também porque já algumas vezes êle tem sido acusado de, numa passagem das *Fontes Hispaniae Antiquae* (Fasc. I - Prolegomena, p. 46), haver depreciado o valor de Martins Sarmiento, a propósito da interpretação do «Ora Marítima» de Avieno, dada pelo erudito vimarense. E vemos agora, pelo franco e rasgado elogio que o Prof. de Erlangen faz dos incontestáveis méritos de Sarmiento, que nenhum propósito de menosprêzo o levava a não confiar inteiramente no valor daquele estudo do sábio português, mas que nessa atitude mental fôra apenas movido pelos superiores interesses da Ciência. Os estrangeiros desconhecem, em geral, a cega depreciação sistemática, e encaram sempre as questões intellectuais sob um ponto de vista elevado e nobre.

Aqui ficam portanto exarados os dois artigos dos

Srs. Dr. Schulten e Dr. Kendrick, em versão portuguesa, para facultarmos também a sua leitura àqueles dos nossos assinantes menos familiarizados com as línguas alemã e inglesa.

---

*Francisco Martins Sarmiento*, DISPERSOS, Edição realizada sob os auspícios da Sociedade Martins Sarmiento. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO, Miscelânea de estudos em honra do Investigador vimezanense, no centenário do seu nascimento, 1833-1933. Edição da Sociedade Martins Sarmiento, subsidiada pelo Ministério da Instrução Pública e pela Junta de Educação Nacional. Guimarães, 1933.

Um dos mais evidentes sintomas do despertar do sentimento nacionalista dos povos é o interesse que actualmente se manifesta pelo passado do próprio povo. Dentro deste espírito, em Portugal, o Centenário do nascimento de Martins Sarmiento, em Guimarães, no norte do País, deu motivo à publicação de duas grandes obras: uma Colectânea dos seus artigos e um volume de Homenagem, no qual colaboraram eruditos e investigadores portugueses, espanhóis e de outros países da Europa, para honrarem a memória do emérito Investigador.

Martins Sarmiento foi, em Portugal, um dos primeiros a interessar-se pelas antiguidades pátrias, e em numerosos escritos estudou não só os monumentos da sua região (a faixa de entre Douro e Minho), mas igualmente, em trabalhos mais ou menos extensos, o estado dos problemas etnográficos e históricos do seu País. Sarmiento foi um autodidacta; mercê, todavia, de um estudo intensivo, da prática de línguas, da troca de correspondência durante largos anos com diversos sábios estrangeiros, especialmente com Emílio Hübnér, organizador do segundo volume do Corpus I. L., conseguiu adquirir uma sólida cultura científica. Muito do que escreveu está hoje naturalmente antiquado; vários assuntos conservam, porém, um duradouro valor.

Mas, acima de tudo isso, o vivo amor que Martins Sarmiento dedicou à sua Pátria e aos seus monumentos impõe-se, como eterno modelo, aos arqueólogos portugueses.

Do primeiro volume, "Dispersos", destaco os escritos sobre a Citânia de Briteiros, um dos numerosos castros, que se contam aos milhares e que os Celtas invasores da Península no séc. VI a. C., nos deixaram, com suas defesas circulares concêntricas (*Ringwälle*) suas cabanas redondas, suas notáveis jóias áureas — todos esses testemunhos, tão característicos, de uma época que, mesmo em numerosos nomes de pessoas e de lugares, transmitiu até nossos dias os vestígios da sua passagem.

As escavações de Briteiros e de Sabroso, outro castro do concelho de Guimarães, foram o início do impulso dado à exploração castreja, hoje tão activa não só em Portugal como na Galiza confinante. E foi devido a essas escavações de Briteiros que Martins Sarmiento se tornou conhecido dos investigadores dos restantes países da Europa, especialmente desde o ano de 1877, em que elle apresentou *in loco* a um grande número de arqueólogos nacionais e estrangeiros (1) o resultado dos seus trabalhos. Data especialmente dessa ocasião a sua amizade a Emílio Hübner; e, durante muitos anos, uma contínua troca de correspondência mostrou quão fecundo foi para os dois eruditos esse intercâmbio espiritual.

Num elogio fúnebre, escrito em latim, exaltou Hübner a memória do seu amigo português, afirmando que este pareceria conhecido "non tantum inter cives suos, sed apud omnium gentium homines", palavras que podem considerar-se porventura a maior honra que à glória de Sarmiento foi prestada.

Na segunda obra, a "Homenagem", colaboraram 30 investigadores portugueses, 13 espanhóis, além

(1) Equívoco do Sr. Prof. Schulten. Em 1877 a reunião foi apenas de arqueólogos nacionais. Em 1880, por ocasião do Congresso Int. de Arq. e Arq. Prè-hist., é que na Citânia se reuniram também investigadores estrangeiros. Mas E. Hübner só em 1881 conheceu pessoalmente Sarmiento, quando pela segunda vez veio a Portuga

de 9 franceses, 7 alemães, 4 ingleses, 2 suíços, e, finalmente, um belga, um polaco e um romeno. Nota-se, porém, a falta dos italianos, tão activos em assuntos de investigação arqueológica<sup>(1)</sup>. O volume abre com uma bela biografia do homenageado por Mário Cardozo, a quem se deve, em primeiro lugar, o grande trabalho da edição. É ele o presidente da Sociedade Martins Sarmento, instituição fundada ainda em vida de Sarmento. Os restantes estudos foram coleccionados pela ordem alfabética; preferível seria uma ordenação por matérias, a fim de não apparecerem misturados os mais diversos assuntos<sup>(2)</sup>.

A preponderância de trabalhos de Prè-história no volume, isto é, de estudos relativos a questões anteriores às fontes literárias, deriva de uma predilecção corrente na Península Ibérica por esta ordem de assuntos. E, por isso mesmo que tais assuntos são os mais afastados do meu campo de estudos, apenas a alguns dos artigos, de maior interêsse geral, me vou referir. G. Kraft, de Freiburg in Baden, analisa um machado de pedra neolítico, de tipo occidental, e origem nitidamente hispânica. Aproveitemos a oportunidade para lembrar as esclarecidas investigações de Hubert Schmidt, recentemente falecido, a quem se deve a cronologia da mais antiga cultura dos metais na Península e a demonstração da expansão dos produtos hispânicos na Alemanha e na Inglaterra, baseada nas viagens dos prè-tartéssios do sul de Espanha, em busca do estanho da Inglaterra, de que necessitavam para o fabrico dos seus artefactos de bronze.

Freiherr v. Richthofen, de Königsberg, trata de casas redondas, de origem céltica em Portugal, mas prè-históricas noutras regiões. Wilke refere-se ao enter-

---

(1) Vários investigadores italianos foram convidados a colaborar na *Homenagem*, tais como os Drs. Paolo Orsi, Ugo Rellini, G. Sergi, etc.; mas, de entre os que prometeram enviar originaes, nenhum pôde infelizmente cumprir a promessa a tempo, pois urgia dar publicidade ao volume.

(2) Perfeitamente aceitável êste critério. Adoptou-se, porém, a disposição de outras *Miscelâneas*, modelarmente organizadas, como as publicadas recentemente em honra da Prof.<sup>a</sup> D. Carolina Michælis e do Prof. Leite de Vasconcelos.

ramento prè-histórico dos mortos, na posição de brucos, com a face voltada para baixo, uso que, com justa razão, o A. atribui ao intuito de evitar que o morto exerça qualquer influência maléfica sôbre os vivos. Como é sabido, a prática adoptada pelos povos neolíticos de enterrarem os seus mortos com as pernas atadas, "de cócoras", explica-se pelo mesmo preconceito, facto comprovado relativamente aos trogloditas da região do Mar Vermelho (Geogr. Graeci Min. I. 154; Estrabão, p. 776). Uma das mais importantes comunicações é constituída pelo pequeno artigo de Leeds, director do Ashmolean Museum, de Oxford, provando que certas contas de vidro azul, provenientes do Egipto, datadas da 18.<sup>a</sup> à 19.<sup>a</sup> Dinastia, isto é, de 1400-1300 a. C., aparecem também no sul da Espanha e sul de Inglaterra, o que vem demonstrar a existência, naquela época, de relações comerciais do Oriente com a Espanha, até agora tantas vezes postas em dúvida, facto aliás igualmente comprovado pelo aparecimento anterior, em Minorca, de um vaso cretense, com bôca em forma de bico (*Schnabelkanne*). Dêste modo se verifica que, já por volta do ano 1300 a. C., os navegadores orientais vinham a Espanha, em busca dos metais desta região, especialmente da prata, e à Inglaterra em procura do estanho.

Sente-se, na colaboração, a falta de qualquer trabalho sôbre os Lígures, a mais antiga população da Península conhecida pelas fontes históricas, dos quais precisamente tanto se ocupou M. Sarmento. São apenas citados no volume num intuito negativo, visto como Bosch, na sua interessante Memória sôbre os Celtas em Portugal e Mendes Corrêa, o conhecido antropólogo português (!), quem quer converter o pernix Lígus do Ora marítima (v. 196) de Avieno (emenda que Schrader efectuou concisamente de lucis) em pernix Lūsīs (=Lusitanus), o que é inteiramente impossível, por isso que o último pé do senário é sempre um jambo, enquanto que com Lūsīs ficaria o verso trocaico. Por esta razão cai por terra a conjectura construída sôbre esta incorrecta emenda,

---

(!) Vide o volume de *Homenagem*, pág. 61-nota 1, e pág. 252.

em virtude da qual a entrada dos Lusitanos em Portugal já se teria efectuado no séc. VI a. C. (1).

Dos Iberos ocupam-se — Gomes Moreno, que analisa a sua mais antiga cerâmica; L. Siret, que através da sua grande obra «Les premiers âges du métal dans le SE. de l'Espagne» estabeleceu a arqueologia científica da Península, e nesta Colectânea procura explicar a origem das touradas; Taracena, Director do belo Museu Numantino, de Sória, que determina os limites dos Pelendões, do ramo de Numância; e Schulten, apresentando uma nota sobre Segeda, que, no ano de 154, deu o impulso à grande guerra celtibérica (154-153).

Bastantes trabalhos se referem aos Celtas, que relativamente a Portugal, apresentam uma especial importância. O artigo de Bosch, a que já me referi; Cuevillas, um dos primeiros colaboradores do tão activo Seminário de Estudos Galegos, em Santiago, que apresenta uma notável comunicação sobre a geografia dos castros; Cabré e Filha, que publicam uma bela espada posthallstática, com embutidos de prata e cobre; Santa-Oialla, outrora assistente em Bonn, hoje da Universidade de Madrid, prova que a «Pedra formosa» da Citânia de Briteiros, considerada por Sarmento uma pedra de sacrificios, pertence à classe das estelas célticas em forma de casa, que se encontram não só entre os Mediomátricos mas igualmente na Espanha, onde o A. descobriu uma série delas. Muito importante é a demonstração de Linckenheld acerca das relações entre os Celtas da Itália e os transalpinos; Plopsor, romeno, escreve sobre os Celtas do Danúbio; Pericot, o mais antigo discípulo de Bosch, actualmente Professor em Valência, publica novas representações serpentiformes em monumentos da Galiza, o que se prende com o culto da serpente entre os Celtas locais.

(1) Veja-se a detalhada argumentação do Sr. Prof. Mendes Corrêa em defesa da sua tese, no artigo «O problema lígure em Portugal», in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, fasc. III, pág. 246 — Pôrto, 1934.



Grenier, de Estrasburgo, o continuador de Déchelette, mostra que numa velha estrada céltica da França (Voie Régordane) diversos nomes de lugar nos dão indício de um primitivo culto a Mercúrio.

Em J. M. Rodrigues lê-se que o mais antigo comentário do Périplo de Hanão se deve a um português, facto natural, pois aos portugueses deviam merecer especial interesse estes precursores cartagineses dos seus navegadores. Alberto Souto entende que a minha localização nas Berlengas, da *pelagia insula*, de Avieno, se deve preferir a hipótese de Sarmento, que a identificava com uma ilha costeira; mas esta afirmação não pode subsistir perante o facto inegável de que o termo *pelagia* subentende uma ilha situada no meio do mar, tal como a Berlenga, nunca se podendo referir a uma ilha de laguna.

O artigo de Lantier sobre os Cultos orientais na Península prova-nos que tais cultos só ali penetraram no tempo do Império, invadindo apenas a planície romanizada, e nenhuma influência havendo exercido sobre as primitivas populações indígenas.

A Epigrafia está unicamente representada por um artigo de Wickert, o continuador do CIL II, sobre miliários das proximidades de Guimarães. Infelizmente, as inscrições pouco interesse têm despertado na Península, após a morte do P.<sup>o</sup> Fidel Fita, esclarecido estudioso neste campo de trabalhos.

Recentemente tem aparecido com frequência os monumentos da Época Visigótica, e, ainda há pouco, foi publicado sobre o assunto um grosso volume de Zeiss (1). Este colaborador da «Homena-

---

(1) Hans Zeiss, «Die Grabfunde aus dem spanischen Westgotenreich» (Publicação da *Römisch-Germanische Kommission des Archäologischen Instituts des deutschen Reiches*), Berlin e Leipzig, 1934, VIII e 207 págs. Para o conhecimento da cronologia e evolução da cultura visigótica na Península é também indispensável consultar o recente e primoroso trabalho do Prof. Santa-Olalla, «Necrópolis visigoda de Herrera de Pisuegra», Madrid, 1933 (Vide análise desta obra, por Mário Cardozo, nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, vol. XIX, n.º 2, pág. 123.

gem" trata da cerâmica avermelhada, do último período romano, uma derradeira modalidade da *terra sigillata*, datando-a entre os séculos IV e VI. Kühn, de Colónia, reproduz fivelas de cinturão visigóticas, e Pérez de Barradas, de Madrid, Director do Serviço de Pré-história, ocupa-se dos visigodos dos arredores da capital espanhola.

Erlangem.

ADOLFO SCHULTEN.

\*

### HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO:

Miscelânea de Estudos em Honra do Investigador Vimarânense, no Centenário do seu nascimento (1833-1933). Publicação da Sociedade Martins Sarmento. Guimarães, 1933. 480 páginas. Ilustrações.

Este volume comemorou, em 1933, o Centenário do nascimento do Arqueólogo português Martins Sarmento, que adquiria um renome universal, como explorador da Citânia de Briteiros. Todavia, o valor da sua Obra, aliás notável, é talvez de menor importância do que a influência que ele exerceu em Portugal, onde foi o iniciador da arqueologia científica. De introdução, um belo ensaio, por Mário Cardozo, demonstra bem a oportunidade da homenagem, e ninguém contestará que este volume jubilar seja um justo louvor à memória de tão insigne como activo estudioso. A obra contém nada menos de 68 colaboradores, e é vasto o campo de estudos por ela abrangido, entre os quais figuram artigos sobre folclore, literatura e música, de permeio com a matéria arqueológica. Os autores ingleses estão ali representados pelo Dr. Felix Oswald, que escreveu em francês (porquê?) demonstrando a presença da VIII Legião na Britânia; pelo Sr. Leeds (Contas vítreas, egípcias, na Espanha e Inglaterra, importadas anteriormente a 1200 a. C.); pelo Dr. Prestage (Portugal como pioneiro da Cristandade), e pelo Sr. Radford, cujo magnífico estudo sobre a 1.<sup>a</sup> Idade do Ferro no sudoeste da Inglaterra deve, indiscutivelmente, ser considerado em toda a

parte como um dos melhores desta admirável Coleção de artigos. Própriamente sobre a Península contam-se 30 artigos de estudiosos portugueses e 13 de espanhóis, de modo que o interesse do volume relativamente à arqueologia destes dois países é manifesto. Os sete colaboradores alemães trataram igualmente vários problemas relativos à Ibéria. O Dr. Kühn escreveu acerca de fivelas vasadas, provenientes de cemitérios visigóticos, que relacionou com a arqueologia avárca e datou do séc. VII. O Dr. Zeiss apresentou um artigo sobre a cerâmica romana do último período; Schulten deu-nos um estudo sobre Segeda, e von Richthofen um trabalho muito notável sobre casas redondas na Península. O falecido Investigador português, Serpa Pinto, contribuiu com um artigo relativo ao Castro de Sendim, que, apesar de já não ter sido revisto pelo autor, demonstra bem o valor do arqueólogo que o seu País perdeu. E é curioso até notar que foi êle o único colaborador, em todo o livro, que nos deu o desenho de um vaso, seccionado verticalmente, tal como os arqueólogos modernos usam representá-los <sup>(1)</sup>.

De um modo geral, o volume contém várias deficiências, entre as quais a principal é ser um destes livros desagradavelmente pesados e, apesar disso, de uma contextura tão frágil que o simples voltar de uma página ameaça arrastar consigo a desagregação de todo o volume. Várias figuras, principalmente as fotografuras, não são perfeitas; e com certeza que seria possível conseguir um volume de muito melhor aspecto gráfico <sup>(2)</sup>. A chapa da composição, por exemplo,

---

(1) Lapso do Sr. Prof. Kendrick, pois R. Radford apresenta também, a pág. 328 do volume, quatro vasos esquemáticamente figurados do mesmo modo.

(2) Sem dúvida que sim. Mas a isso obstaram duas razões: 1.ª) os trabalhos gráficos no nosso país serem, no geral, inferiores ao que se faz no estrangeiro, nomeadamente na Inglaterra; 2.ª) a mão de obra tipográfica ser hoje excessivamente cara. Com todas as deficiências que possam apontar-se-lhe, esta edição, apenas de 500 exemplares, custou à Soc. M. S. cerca de 20.000 escudos!

podia ser mais larga, ficando as margens mais pequenas; o encabeçamento de cada página poderia mencionar o título resumido do correspondente artigo, em vez da desnecessária repetição do nome de Sarmento. Finalmente, o índice deveria mencionar os trabalhos reünidos por "assuntos" ou por "épocas".

T. D. KENDRICK.